

Sala dos Cupidos

O seu nome deve-se aos frescos pintados no tecto que representam alguns cupidos no céu. Dedicada à exposição de parte da nossa colecção de Lanternas Mágicas e a ocasionais espectáculos delas e com elas.

Horário: dias úteis das 13h30 às 22h00

A Lanterna Mágica

A Lanterna Mágica é um aparelho para projecção de imagens sobre vidro pintadas em cores translúcidas. É composta por uma fonte luminosa, que nas primeiras lanternas era uma simples vela ou um candeeiro a petróleo, um reflector, um condensador e uma objectiva. É o primeiro aparelho destinado a projecções colectivas, contrariamente às caixas ópticas ou instrumentos ópticos para olhar individualmente através de lentes, espelhos ou prismas. São espectáculos para admirar em companhia, nas praças, num salão ou numa sala de projecção.

As origens deste aparelho espectacular foram investigadas nos mais antigos documentos de óptica. Não existe uma data certa que testemunhe a sua invenção, mas atribui-se ao célebre astrónomo holandês Christiaan Huygens, em 1659, uma das primeiras descrições da lanterna mágica. Alguns anos depois, o dinamarquês Thomas Walgenstein utiliza a lanterna como aparelho para realizar espectáculos, enquanto o padre jesuíta alemão

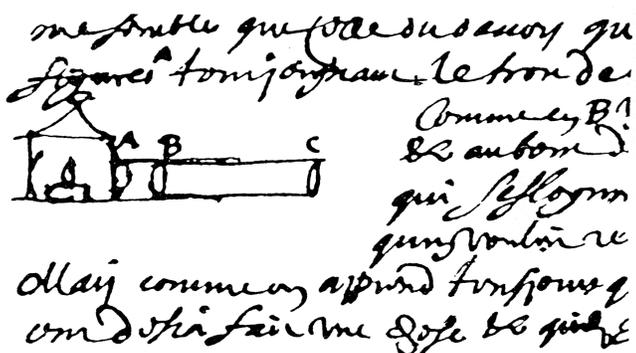
Athanasius Kircher aproveita as suas potencialidades, transformando-o num eficaz instrumento pedagógico, descrito na segunda edição da sua obra ARS LUCIS ET UMBRAE, impressa em Amesterdão em 1671.

A história do progresso técnico e imaginativo deste aparelho é extremamente rica e fascinante e a sua evolução desenvolve-se até o fim Séc. XIX.

A Lanterna Mágica atinge o seu momento de maior auge no âmbito científico em 1700 quando é utilizada frequentemente nos gabinetes de óptica como instrumento de ensino.

A Lanterna Mágica foi um sucesso extraordinário em todos os meios sociais. A Igreja católica usou-a para ensinar a sua doutrina e também para amedrontar os fiéis mostrando-lhe os horrores do inferno. Tanto servia para espectáculos na rua e passatempo nos salões aristocráticos, como era utilizada por pessoas pouco honestas que a usavam para enganar os ingénuos, levando-os a acreditar que as visões projectadas pela Lanterna fossem arte de bruxaria.

A popularidade e interesse pela Lanterna Mágica levaram ao aparecimento, em muitos países da Europa, de um novo ofício: o de Lanternista ambulante, tal como dois séculos depois aconteceria com o cinema.



Exactamente durante esses dois séculos estes mágicos espectáculos bateram à porta de todos os lares. Era um ofício miserável, muito mal pago. Os Lanternistas andavam com as suas caixas amarradas às costas de vila em vila anunciando os seus espectáculos.

Esses espectáculos, muitas vezes com acompanhamento musical, normalmente um realejo ou uma caixa de música, eram realizados nas praças ou, quando a sorte lhes sorria, em casa de algum cliente mais abastado.

No final do Séc. XVIII um novo espectáculo de Lanterna Mágica, denominado Fantasmagoria, faz sucesso em Paris com os seus espectaculares efeitos acústicos, luminosos e pirotécnicos, evocando aparições do passado e monstros terríveis. Robertson, Étienne-Gaspard Robert, físico belga, o inventor deste espectáculo construiu uma lanterna mágica especial - *Fantascópio* - montada num suporte móvel que permitia aproximá-la e afastá-la no decorrer das projecções a fim de obter os diversos efeitos especiais. A Lanterna ficava fora da vista do público, por trás da fina tela branca, em frente da qual se sentavam os espectadores na penumbra. As imagens projectadas sobre esse pano transparente surgiam do outro lado, conservado no escuro, como aparições sobrenaturais, fantasmagóricas.

Com a industrialização das lanternas mágicas a partir da segunda metade do Séc. XIX o ofício do lanternista ambulante torna-se gradualmente mais raro. Mas a Lanterna Mágica continuava a fascinar as multidões e nunca foi tão solicitada e vendida como a partir da segunda metade do Séc. XIX. Graças à produção em larga escala, as lanternas mágicas entraram nas casas particulares deliciando adultos e crianças com as suas projecções.

Eram vendidas em caixas de madeira ou papelão contendo uma lanterna mágica e uma série de vidros que poderiam ser executados pelas crianças contando pequenas histórias.

A Lanterna Mágica estava na moda; multiplicavam-se os espectáculos nos conceituados salões dos gabinetes de curiosidades, cada vez mais aperfeiçoados tecnicamente e esteticamente.

Os mecanismos de animação dos vidros variavam entre os mais simples sistemas de pega e vidros com máscara, utilizados para accionar figuras ou pequenas cenas cómicas, até aos mais sofisticados vidros com caixilho mecânico para animar cromatópios espectaculares e coloridos, paisagens sugestivas, o movimento dos planetas, num repertório de imagens complexas e harmoniosos movimentos.

As placas de vidro, verdadeiras obras-primas de pintura eram executadas por pintores profissionais quase sempre anónimos e animadas através do espectacular mecanismo da dissolvência. Para este efeito utilizaram-se inicialmente lanternas duplas (bi-unial) postas uma ao lado da outra e munidas de obturadores chamados olho-de-gato. Nas últimas décadas do Séc. XIX estes espectaculares efeitos de projecção eram realizados com sofisticadas lanternas duplas e triplas posicionadas uma em cima da outra (bi-unial e tri-unial). Tecnicamente, este tipo de lanterna mágica permitia a utilização de dois ou três vidros de projecção ao mesmo tempo, a fim de obter o sofisticadíssimo efeito de projecção da dissolvência (*dissolving views*), ou seja a sucessão de "imagens" complementares que podiam ser observados em continuidade pelo público, enriquecidos por efeitos de passagem dia/noite, mudança das estações e maravilhosas aparições.

A Lanterna Mágica em Portugal

Não se sabe quando teriam aparecido em Portugal as primeiras Lanternas Mágicas, nem quando se teria dado o primeiro espectáculo público de projecções com um desses aparelhos. Mas, pelo menos, sabe-se que em 22 de Abril de 1800, segundo o refere, na sua correspondência, o Ver. Carl Israel Ruders, capelão da Legação da Suécia junto da Corte de Portugal, foi oferecido ao povo de Lisboa um espectáculo público de Lanterna Mágica. Tal espectáculo integrava-se nos festejos de rua pelo “bom sucesso” da princesa do Brasil que, na madrugada daquele dia dera à luz uma menina, a infanta Maria Francisca que viria a casar-se aos 16 anos com D. Carlos Maria Isidro, irmão de Fernando II. Pretendente ao trono de Espanha por morte de seu tio, tal direito não lhe foi reconhecido pela rainha Isabel II. Exilada em Inglaterra, morreria em 1834.

Eis o que nos conta C.I. Ruders : “No dia 22 de Abril (de 1800) os habitantes de Lisboa foram despertados às 5 da manhã pelas salvas de artilharia com que as fortalezas e os navios de guerra assinalaram alegremente o bom sucesso da princesa do Brasil, que dava à luz uma infanta.

Na mesma noite, e nas duas seguintes, toda a cidade estava iluminada solenemente por ordem superior. (...) Entre as iluminações, a mais bela pareceu-me a do armazém dos negociantes de cereais, com as fachadas completamente cheias de luzes artisticamente dispostas. (...) Na Rua Augusta, havia uma tela transparente sobre a qual uma Lanterna Mágica projectava sombras chinesas representando diversos bonecos que ora se esmurravam em terríveis disputas ora se acariciavam e beijavam mutuamente, com grande gáudio do imenso povolú que ali se amontoava para gozar o espectáculo. Por entre a multidão havia também muitas mulheres movendo-se e acotovelando-se para gozarem de todas estas belezas”. A prontidão com que, nessa ocasião festiva, se deu um espectáculo público de Lanterna Mágica, faz pensar que tal aparelho era já bem conhecido e utilizado de há muito; talvez nos serões da Corte de Lisboa; ou em casa de notáveis portugueses e de residentes estrangeiros, entre algumas partidas de “whist” ou de “voltarete”, em noites de festa ou de convívio.

Alves Costa, *A Longa Caminhada para a Invenção do Cinematógrafo*, Cineclube Editorial, Porto, 1988